

FORMAÇÃO E
TRABALHO DOCENTE
EM CONTEXTO RURAL

DIÁLOGOS
TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador

Editora Executiva

Prof.ª. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP

Prof.ª. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP

Prof.ª. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp

Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar

Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp

Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC / PR

Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC

Prof.ª. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp

Prof.ª. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas

Prof.ª. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp

Prof.ª. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS

Prof.ª. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS

Prof.ª. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI

Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp

Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR

Prof.ª. Dra. Vera Jacob – UFPA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário

Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada

Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aviero

Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Prof.ª. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada

Prof.ª. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho

Prof.ª. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján

Prof.ª. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata

Prof.ª. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLATO 75% PRÉ-CONSUMO, 25 % PÓS-CONSUMO, A PARTIR DE IMPRESSÕES E TIRAGENS SUSTENTÁVEIS. CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

Helenise Sangoi Antunes
Elizeu Clementino de Souza
(organizadores)

FORMAÇÃO E
TRABALHO DOCENTE
EM CONTEXTO RURAL

DIÁLOGOS
TEÓRICO-METODOLÓGICOS

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Formação e trabalho docente em contexto rural : diálogos teórico-metodológicos / Helenise Sangoi Antunes, Elizeu Clementino de Souza, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2017.– (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador / coord. Maria de Lourdes Pinto de Almeida)

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN: 978-85-7591-476-2

1. Alfabetização 2. Educação básica 3. Educação rural 4. Escolas do campo 5. Prática pedagógica 6. Professores – Formação profissional I. Antunes, Helenise Sangoi. II. Souza, Elizeu Clementino de. III. Série.

17-07751

CDD-370.91734

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação de professores : Educação do campo 370.91734

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

foto de capa: Marina Meirelles Gomide

preparação dos originais: Thaís Virgínea Borges Marchi

revisão final: Editora Mercado de Letras

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

SETEMBRO/2017

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Prefácio

PARA NÃO DIZER QUE NÃO TENTEI
FALAR DE EDUCAÇÃO DO CAMPO 11
Maria Helena Menna Barreto Abrahão

DIÁLOGOS INICIAIS: INTERFACES ENTRE
TRABALHO DOCENTE E EDUCAÇÃO RURAL 19
Elizeu Clementino de Souza e
Helenise Sangoi Antunes

Parte I

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA, RURALIDADES
E TRABALHO DOCENTE: REFLEXÕES TEÓRICO-
METODOLÓGICAS

capítulo 1

PEDAGOGIA RURAL URUGUAYA 33
Limber Elbio Santos Casaña

capítulo 2

PRÁTICAS E DOCÊNCIA
EM CLASSES MULTISSERIADAS. 61
Mara Rita Duarte de Oliveira e
Nazareno do Socorro da Silva Oliveira

capítulo 3

TRAJETÓRIA DE VIDA E PROFISSIONAL DE PROFESSORAS DE CLASSES MULTISSERIADAS: ALGUNS APONTAMENTOS	87
Fabio Josué Souza dos Santos e Elizeu Clementino de Souza	

capítulo 4

NARRATIVAS DE VIDA: PROCESSOS FORMATIVOS DE UMA PROFESSORA RURAL NO CONTEXTO DE CLASSES MULTISSERIADAS	115
Juliana da Rosa Ribas e Helenise Sangoi Antunes	

capítulo 5

ENTRECRUZAMENTO ENTRE EXPERIÊNCIAS TEMPORAIS DOS SUJEITOS E SUAS NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS	129
Ana Sueli Teixeira de Pinho	

capítulo 6

“SER DE UM CERTO LUGAR”: GEO(BIO)GRAFIAS DE PROFESSORES DO SERTÃO DO SISAL	149
Jussara Fraga Portugal e Elizeu Clementino de Souza	

capítulo 7

O RURAL COMO TERRITÓRIO(S) DO IMAGINÁRIO SOCIAL. HÁ, PORTANTO, SIGNIFICAÇÕES?	181
Graziela Franceschet Farias	

capítulo 8

HISTÓRIA DE VIDA COMO ESCOLHA METODOLÓGICA: POSSIBILIDADE DE (TRANS)FORMAÇÃO	201
Denise Valduga Batalha	

Parte II

UNIVERSIDADE E EDUCAÇÃO BÁSICA: HISTÓRIAS DE VIDA,
TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS FORMATIVOS

capítulo 9

A UNIVERSIDADE E SUA FUNÇÃO SOCIAL:
A CONQUISTA DA EXPANSÃO DA
EDUCAÇÃO SUPERIOR. 217
Andréia Morés

capítulo 10

TRAJETÓRIA DE VIDA: TESSITURA
PESSOAL/PROFISSIONAL DO PROFESSOR. 231
Elizandra Aparecida Nascimento Gelocha

capítulo 11

CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA INSTITUCIONAL
DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NA
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA. 251
Daniele Barros Vargas Furtado e
Ane Carine Meurer

capítulo 12

HISTÓRIAS DE VIDA NA FORMAÇÃO CONTINUADA
DE PROFESSORES ENVOLVENDO A VIOLÊNCIA
SIMBÓLICA ENTRE OS DOCENTES DA
ESCOLA DO CAMPO 267
Luciana Carrion Carvalho

capítulo 13

REVISITANDO A FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA
COM PERCURSOS URBANOS E RURAIS 285
Lorena Inês Peterini Marquezan e
Ane Carine Meurer

capítulo 14

REPENSANDO A FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DE ESCOLAS DO CAMPO A PARTIR
DAS HISTÓRIAS DE VIDA 299

Mariane Bolzan e
Helenise Sangoi Antunes

capítulo 15

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE
NA ESCOLA DO CAMPO NO
MUNICÍPIO DE AGUDO, RS. 311

Marisa Dal'Ongaro e
Gerson Jonas Schirmer

capítulo 16

HISTÓRIAS DE VIDA E FORMAÇÃO: VIVÊNCIAS E
EXPERIÊNCIAS DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA
NA EDUCAÇÃO RURAL 339

Thais Virgínea Borges Marchi

Parte III

ALFABETIZAÇÃO E TRABALHO DOCENTE:
REFLEXÕES SOBRE O PNAIC

capítulo 17

FAZENDO A DIFERENÇA. HISTÓRIAS DE
PROFESSORAS ALFABETIZADORAS PARTICIPANTES
DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO
NA IDADE CERTA (PNAIC) 369

Crystina Di Santo D'Andrea

capítulo 18

PROGRAMA NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA
IDADE CERTA: CONTRIBUIÇÕES DE UMA FORMAÇÃO
CONTINUADA À PRÁTICA DOCENTE 387

Andréia Jaqueline Devalle Rech e
Cinthia Cardona de Ávila

capítulo 19

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES:
UM REPENSAR SOBRE A ALFABETIZAÇÃO
NA PERSPECTIVA DO PNAIC 403

Angela Cardoso Brollo,
Liane Nair Much,
Marijane Rechia e
Marta Nascimento Marques

capítulo 20

A CONFIGURAÇÃO DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO
E O IMPACTO NA FORMAÇÃO E NAS PRÁTICAS DOS
PROFESSORES 419

Débora Ortiz de Leão

capítulo 21

PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA E FORMAÇÃO:
NARRATIVAS DE UMA ALFABETIZADORA DE
CLASSE MULTISSERIADA NO INTERIOR DO
RIO GRANDE DO SUL 437

Julia Bolssoni Dolwitsch

OS ORGANIZADORES E OS AUTORES. 457

PREFÁCIO

PARA NÃO DIZER QUE NÃO TENTEI FALAR DE EDUCAÇÃO DO CAMPO ...

*Minha infância foi sobre um velho tapete oriental.
Nele aprendi a beleza das cores.
Nele sonhei com as raízes do azul e do encarnado.
E sempre me pareceu que o desenho era uma escrita:
que o tapete falava coisas,
eu é que ainda não podia entender.¹*

*Se tivesse de indicar o evento principal de minha vida,
diria que é a biblioteca de meu pai. Na realidade, creio
nunca ter saído dessa biblioteca. É como se ainda a es-
tivesse vendo. Ocupava todo um aposento, com estantes
envidraçadas, e devia conter milhares de volumes.²*

Início este prefácio, falando de mim. Pode parecer estranho, e, de fato, o é!

Então, qual a razão de fazê-lo?

-
1. Meireles, Cecília (2013). *Cecília Meireles de bolso*. Porto Alegre: L&PM, p. 168, verso IV.
 2. Borges, Jorge Luis (2009). *Ensaio autobiográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 16.

Inspirada pela autonarrativa de Cecília Meireles e de Jorge Luis Borges, em epígrafe, entendo que algumas impressões da meninice, por mais voláteis que possam parecer, jazem, como nos autores, para sempre em nosso imaginário. É por esse viés que procuro entender o convite dos estimados colegas, organizadores desta obra de fôlego, além, é claro, da amizade, do companheirismo e de trabalhos em cooperação que nos unem. Devem eles ter imaginado que, muito embora eu seja uma pessoa eminentemente urbana, deva, em algum momento de minha trajetória de vida, ter vivenciado algum fato, ligado ao meio rural, que tenha aguçado, como no exemplo dos autores citados, meu imaginário a respeito desse contexto, o que pode ter, com o tempo, revertido em algum tipo de conhecimento mais compreensivo.

Em realidade, nasci e me criei, no que chamamos de cidade. Tendo nascido em Cruz Alta, terra de Érico Veríssimo, de lá saí com alguns meses, desde que meus pais foram morar em São Leopoldo. De lá, após uma viagem de navio pela costa brasileira, com duração de 1 mês, mudamo-nos, por 1 ano, para Manaus, de cuja cidade tenho ainda alguns lampejos de memória, inclusive que do jardim da casa em que morávamos se visualizava a cúpula do Teatro Amazonas. De lá retornamos, também de navio, quando eu tinha três anos, em viagem histórica. Os navios vinham todos pintados de cinza escuro e à noite se viajava às escuras. Acender luzes era terminantemente proibido em virtude de que navios estavam sendo “postos à pique” na costa brasileira por submarinos inimigos, o que de fato ocorreu com esse mesmo navio, evidentemente não nessa viagem, mas quando estava realizando a viagem de retorno. Era o ano de 1941, em plena II Guerra Mundial.³ No retorno, fomos

3. Essas lembranças, por certo, foram alimentadas no tempo por eu ter escutado a narrativa de meus pais sobre esses fatos da época, inúmeras vezes. Este e outros fatos de minha infância e juventude, estão narrados em: Abrahão, Maria Helena Menna Barreto (2011). “Ir à escola... desejo e vivências que finalmente se tornam realidade!”, in: Fisher, Beatriz Daudt (org.) *Tempos de escola: memórias*. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, pp. 53-66.

morar, dos meus 3 aos 13 anos, em Santa Maria, à rua Marquês de Maricá, hoje Dr. Astrogildo de Azevedo, em casa situada em rua a uma quadra da praça Saldanha Marinho,⁴ se transitando pela rua Roque Callage. De lá, mudamos para o Rio de Janeiro, onde moramos, por 3 anos, na Praia Vermelha, bairro vizinho da Urca, de onde retornamos para Uruguaiana (onde permanecemos por um ano e meio, em casa situada em zona central da cidade), e retornamos para Santa Maria, com residência também central. Estava eu com 17 anos. Em Santa Maria concluí a Licenciatura em Letras Anglo Germânicas, casei, nasceu minha filha, e da qual saí para mudar para Porto Alegre, em 1967, onde até hoje resido, com um intervalo de tempo em que morei em São Paulo por 5 anos, com residência no Jardim Paulista, na Alameda Fernão Cardin, a duas quadras da Avenida Paulista, e, em lá chegando, a uma quadra do MASP.

Pode haver uma existência mais urbana?

Mesmo assim, a vida brindou-me com a possibilidade de ter algumas lembranças de momentos felizes de minha meninice, dentre os quais quando minha família se deslocava da cidade por alguns dias para uma colônia italiana, próxima à Santa Maria, para descanso. Meus pais costumavam “veranear” em Silveira Martins. Na época, essa localidade parecia-me distante. Ficávamos no Hotel Pinton, administrado e atendido por uma família chefiada pelo “Seu Pinton”, cujo sobrenome era responsável pelo patronímico do empreendimento. Como íamos seguidamente, éramos muito bem tratados e trago comigo ótimas lembranças do lugar e das pessoas. Infelizmente, posso dizer que essa é a realidade mais rural que conheci, tendo em vista que Silveira Martins desde aquela época era uma cidade, pequena, é verdade, mas detentora de uma praça principal, uma igreja católica central e algumas ruas com casas que, se bem lembro (e lembro), eram bem cuidadas, com jardim na frente, algumas térreas – a maioria – e uma ou duas, construídas em sobrado, como à época se denominava. Mas também as casas tinham horta, inclusive no hotel havia horta e um tambo. Em Silveira

4. Praça central da cidade.

Martins, pude beber leite no tambo, acabado de ser apojado da vaca. Era a minha oportunidade de “ver” vacas, touros, porcos, gansos, coelhos, saborear frutas colhidas diretamente das árvores, etc. Para além dessa meia dúzia de ruas, via-se campos complementando a bela paisagem do lugar.

Isto é tudo de vivência que tenho do meio rural, ou se quisermos dizer, do campo, que em realidade, como fica evidente, não é tão rural assim. Mas não se pode dizer que eu nunca haja visto um boi, uma vaca, uma horta.... Pode-se dizer, no entanto que, até por ser criança, eu nada ou muito pouco possa ter estado interessada em relações sociais, de trabalho e educacionais, naquele contexto, ou sequer percebido, algo nesse sentido. O campo, como fenômeno social e cultural, era-me totalmente indiferente.

Há alguns anos, três ou quatro, Jorge Luís da Cunha, outro querido colega e amigo da Universidade Federal de Santa Maria, que realiza pesquisa em colônias italianas próximas, levou-me para rever Silveira Martins. Está praticamente igual, onde pude rever a praça principal (pequena), o Hotel Pinton (não mais em funcionamento, mas o prédio lá está), algumas ruas e o campo ao redor. Matei as saudades e realimentei meu imaginário.

Esse retorno fez crescer meu interesse pela leitura do presente livro, não só para aprender a respeito da escola, dos professores, dos alunos, da educação do campo, em suas múltiplas relações, isto é, para uma possibilidade de melhor entender o campo que não tive a oportunidade real de vivenciar, mas também para vivificar a compreensão da potência e o alcance da pesquisa (auto)biográfica, também nesse meio.

Obrigada, Elizeu, obrigada Helenise, por esta preciosa oportunidade. Espera-se, imagino, que, como primeira e privilegiada leitora, possa eu trazer algumas impressões sobre o que tive a oportunidade de ler e de aprender. Tentarei, portanto.

A presente obra é, antes de qualquer outro registro, o resultado de uma parceria muito bem articulada entre dois grupos de pesquisa consolidados no país: o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação

Inicial, Continuada e Alfabetização, da Universidade Federal de Santa Maria (GEFFICA/UFSM) e o Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral, da Universidade do Estado da Bahia (GRAFHO/UNEB), o que já é suficiente como seguro *handicap* para o leitor. É de se destacar, e esse detalhe é em meu sentir da máxima relevância, que a autoria dos textos se divide equitativamente entre participantes desses dois grupos pelos pesquisadores seniores que os integram, mas não só, também são autores mestrands e doutorandos participantes dos grupos das duas universidades,⁵ além de um colega de universidade uruguaia e uma colega de universidade federal paraense, o que amplia o horizonte para além dos estados da Bahia e do Rio Grande do Sul, até mesmo, do Brasil.

O livro *Formação e trabalho docente em contexto rural: diálogos teórico-metodológicos* compõe-se de 21 textos divididos, como os organizadores pontuam na Apresentação, em três eixos temáticos: *Pesquisa (auto)biográfica, ruralidades e trabalho docente: reflexões teórico-metodológicas; Universidade e Educação Básica: histórias de vida, trabalho docente e processos formativos; Alfabetização e trabalho docente: reflexões sobre o PNAIC*. Os títulos desses eixos trazem uma indicação segura ao leitor que deseje, de imediato, dedicar-se a uma leitura mais direcionada a seu

5. Apesar de minha reconhecida ignorância na matéria objeto de estudo desses mestrands e doutorandos a respeito da educação do meio rural, tenho participado de diversas bancas de mestrado e de doutorado, que tratam dessa temática, muitas das quais resultaram em textos que reconheço no presente livro, grande parte deles quando o estudo estava ainda em andamento. Diferentemente de ter de produzir um texto apreciativo individualmente para o livro, as bancas sempre eram compostas por um ou dois especialistas em educação do campo. Muito embora eu sempre leia todo o trabalho para as bancas com a maior atenção e zelo, o que tem me auxiliado a estabelecer alguma compreensão da problemática que permeia o fazer educacional nessa realidade, sinto-me mais responsável pela avaliação da produção e análise de dados e informações que esses trabalhos têm procurado realizar na tradição (auto)biográfica, o que, imagino, seja o esperado de minha participação e a explicação para os honrosos convites que tenho recebido.

interesse em pesquisa, não obstante o fato de que todos os escritos aqui apresentados aportam elementos clarificadores da educação do campo, em suas relações macro e micro estruturais. No conjunto de textos estão presentes, em especial, *dimensões* como: formação de professores, fazer docente, educação do campo, enlaçadas e compreendidas pelo *trabalho analítico* com histórias de vida, relatos autobiográficos ou narrativas autobiográficas, itinerâncias formativas e profissionais, em que se trabalham, dentre outros, os *conceitos* de memória, imaginário social, território, pertencimento a lugar, inclusão, democratização, identidade profissional do professor, violência simbólica, afetos a diferenciados níveis e modalidades de ensino e *locus* de realização..

O esclarecimento desses constructos a serviço dos diversos objetos de interesse nas pesquisas relatadas nos textos deste livro – todos concernentes a diferentes modos, práticas, vivências – de pedagogicamente construir a formação continuada de professores e a educação de alunos em diferenciadas ruralidades, certamente se torna possível pelo esforço analítico empregado em cada estudo pelo uso adequado e consistente do método (auto)biográfico, indiferentemente das metodologias utilizadas, na tradição desse método, para produção e compreensão das diferentes fontes eleitas dentre cada um dos autores dos textos escolhidos para compor a presente obra.

Antes de iniciar este Prefácio, entendia que deveria abordar cada um dos textos que compõem o livro descrevendo um pouco de seu conteúdo, de sua importância, das nuances de cada um, bem como construir um fecho com considerações gerais sobre todos eles. Ao ter acesso à Apresentação dos organizadores, que recebi um tempo após ter recebido o material contendo o conteúdo do livro, dei-me conta de que essa ideia se tornara despicinda, tendo em vista que Elizeu e Helenise já o haviam feito. Dizer mais, também seria descabido porque poderia incorrer na deselegância de adiantar demasiado ao leitor o que ele certamente quer buscar pela própria vontade e interesse.

Por essa razão, permito-me apenas a indicar aos pares a leitura dessa preciosa obra. Não só àqueles que na academia

dedicam-se ao estudo da educação do campo; não só aos estudiosos e adeptos do método (auto)biográfico que com ele operam, mas também faço uma forte indicação aos que como eu nada sabem de educação do campo. Vão poder surpreender-se porque a narrativa de cada um dos autores, a narrativa de cada pesquisa contendo as narrativas dos educadores do campo, a narrativa dos respectivos achados estabelece conosco um diálogo incontornável. Esse diálogo não se findará ao término da leitura porque ao final não seremos os mesmos de antes de inicia-la.

Para finalizar, volto ao início e dou continuidade à citação de Cecília Meireles que, a meu ver, bem sintetiza o sentido de biografização para cada sujeito da narrativa autobiográfica do livro. Em realidade, também para cada um de nós, pesquisadores e leitores, sujeitos eminentemente memorialísticos, seres de natureza singular/plural.

Posso, enfim, me perguntar e responder como se pergunta e responde a poetisa (já que iniciei este Prefácio com cenas de minha infância),

*Mas por que sempre lembrar essas coisas longínquas?
A verdade, porém, é que há uns dias inesquecíveis,
uns fatos inesquecíveis, dentro de nós.
Tudo o mais, que vivemos, gira em redor deles.
Toda uma vida se reduz, afinal, a umas poucas emoções,
por muitos anos que vivamos,
apesar de viagens, experiências, realizações, sonhos,
saber...
Vivemos tudo – o humano e o universal –
nuns pequenos instantes, obscuros e essenciais.⁶*

Maria Helena Menna Barreto Abrahão

6. Meireles, Cecília (2013). *Cecília Meireles de bolso*. Porto Alegre: L&PM, p. 168, verso V.